

Servidores denunciam tentativa do governo de comprar votos para aprovar PEC 32

Os arredores do Anexo 2 da Câmara dos Deputados, em Brasília, foram palco, na tarde desta quarta-feira (20), de mais uma forte e contundente manifestação contra a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 32, da chamada reforma Administrativa, que ameaça o serviço público gratuito e os direitos dos servidores.

“Notas” de 200 laranjitos com imagens em referência a Jair Bolsonaro (ex-PSL), ao ministro da Economia, Paulo Guedes, e ao presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL) foram utilizadas em uma ação de denúncia, realizada por servidores públicos municipais, estaduais e federais de diversos estados.

Eles repudiaram a tentativa do governo de comprar votos para aprovar a reforma Administrativa. R\$ 20 milhões em emendas seria o valor prometido a cada deputado que votar a favor da proposta, que acaba com os serviços públicos no Brasil.

A Frente dos Servidores Públicos (FSP-RS), integrada pela CUT-RS, estava presente, através de representantes de várias entidades, como do Sindicato dos Trabalhadores do Judiciário Federal e Ministério Público da União (Sintrajufe-RS). Após uma caminhada, o protesto se concentrou junto ao Anexo 2 da Câmara. Em meio a falas de dirigentes sindicais e parlamentares, uma encenação foi realizada: munido de “notas” que simulavam cédulas, um boneco que representava Guedes, oferecia dinheiro a atores que se passavam por deputados.

Além disso, foi feita uma “chuva de dinheiro”, com as “notas”, que somavam fictícios R\$ 20 milhões, voando ao vento forte que soprava na Capital. No verso da “cédula” tinha um aviso: “Atenção,

esta cédula só serve para comprar votos de maus deputados na PEC 32, da reforma administrativa”.

Durante o ato, as centenas de manifestantes, representantes de sindicatos das três esferas de servidores de todo o país, entoaram cânticos, denunciando a reforma e exigindo a sua derrubada na íntegra. “Não tem emenda, não tem arrego, se votar na PEC acabou o seu sossego”, cantaram.

Também entoaram a palavra de ordem que tem marcado os protestos contra a proposta. “Quem votar, não volta”, gritaram em uníssono, advertindo os deputados de que quem votar contra os serviços públicos não retornará à Câmara após as eleições do ano que vem.

R\$ 20 milhões em emendas parlamentares

Desde o início deste mês, o Sintrajufe-RS vem denunciando que o governo está oferecendo R\$ 20 milhões em emendas do relator para cada parlamentar que votar a favor da PEC 32, gerando um custo de mais de R\$ 6 bilhões aos cofres públicos para aprovar a destruição dos serviços públicos – justamente sob o pretexto de “corte de gastos”.

Com dificuldades para obter os votos de que necessitam, Bolsonaro, Guedes e Lira apelam para todos os recursos – seus e da população brasileira.

Por outro lado, a mobilização dos servidores nos estados e em Brasília vem impedindo a votação, apesar da tentativa de compra de votos.

Em protestos nas ruas, campanhas de mídia e em ações nas redes sociais, as centrais e os sindicatos vêm lembrando aos parlamentares que o povo não quer e não irá aceitar a destruição dos serviços públicos. É justamente essa



mobilização um dos principais fatores que tem causado dificuldades ao governo. Essa mobilização, assim, precisa continuar até que a PEC 32 esteja enterrada.

Para o diretor da CUT-RS e do Sintrajufe-RS Marcelo Carlini, que está em Brasília e participou das atividades desta quarta, “é certo que nossa mobilização está crescendo. A pressão sobre os parlamentares, a crise do governo na ameaça de desembarque de parte da equipe econômica, a crise social, e a indignação da população com Bolsonaro é o que impede que Lira reúna os 308 votos necessários”.

CUT-RS com Sintrajufe-RS
[Matéria completa em condesf.org.br](https://condesf.org.br)

Sindsep/MA informa

O Sindsep/MA informa aos seus colaboradores, filiados e sociedade em geral, que no próximo dia 27 de outubro de 2021, a entidade irá funcionar de 12 às 16h.

A mudança de horário irá acontecer por conta de um aviso Antecipado de Desligamento Programado da Rede Elétrica da Empresa Equatorial, que irá acontecer no período de 08 às 12:40h, da quarta-feira, 27/10.



Maior desafio para classe trabalhadora é precarização do trabalho, diz Celso Amorim

O ex-ministro de Relações Exteriores e da Defesa no governo Lula, Celso Amorim, traçou um panorama do cenário econômico e político internacional, explicando como o cenário mundial impacta na vida dos trabalhadores e trabalhadoras do Brasil, em sua fala na 16ª Plenária Nacional da CUT, na manhã desta quinta-feira (21).

Celso Amorim discorreu sobre a crise econômica de 2008, dizendo que, desde então, o mundo vem enfrentando transformações nas relações de trabalho causadas pelas tentativas do capitalismo de sobreviver à base de uma exploração ainda maior dos trabalhadores.

Nos últimos tempos, prosseguiu, a pandemia do novo coronavírus aprofundou as consequências da crise econômica, no Brasil e no mundo, e milhões de pessoas foram impactadas. Mas outros fatores também influenciam as transformações no mundo trabalho e devem ser considerados pelo movimento sindical para estabelecer novas estratégias de luta, afirmou.

“Vivemos um momento histórico de confluência de três grandes crises”, disse Amorim, que explicou: “A primeira delas é a crise sanitária causada pela pandemia da Covid-19. Maior crise global desde o fim da 2ª Guerra Mundial. Junto com as mortes, a pandemia aprofundou, de forma sem precedentes, uma crise econômica que já existia e que, com o isolamento social, também precarizou relações e condições de trabalho. Uma nova ordem mundial foi iniciada e isso é grande crise”, afirmou.

De acordo com o ex-ministro, muito do que se vive atualmente em função das crises, já havia an-

tes da pandemia e como consequência da crise econômica mundial de 2008, iniciada com a falência do banco de investimento norte-americano Lehman Brothers, que teve um efeito dominó e outras grandes instituições financeiras quebraram.

As transformações para a CUT e o movimento sindical passarão pela compreensão de que o modo de atuação precisa se renovar, disse ele. Não se pode pensar ‘o chão de fábrica’, como antes e é importante a reflexão sobre os anseios dos trabalhadores, frente às mudanças impostas pela realidade mundial, afirmou o ex-ministro.

Polarização do poder mundial

Outra situação apontada por Celso Amorim, mas segundo ele, não necessariamente negativa é a separação do mundo em potências econômicas que também se acentuou por causa da pandemia e isso influenciou a relação mundial do poder. Ele cita a influência da China no mercado mundial e sua trajetória de desenvolvimento ao longo dos anos, que se sobressaiu sobre as demais potências, inclusive os Estados Unidos.

Segundo ele, o que ajuda a mexer ainda mais na correlação de forças entre países, neste caso, é que a China é socialista e tem uma forma de organização da sociedade diferente do modo capitalista. “Há lugar para justiça social”, disse ele.

“Além do crescimento econômico, a China teve êxito em dedicar recursos para programas internacionais, sem preconceitos ideológicos”. Com essa frase, o ex-ministro destacou que o país asiático, diferente dos Estados Unidos, que sempre reivindicou para si o status de resolver problemas ao redor do mun-

do, atuou de forma efetiva, por exemplo, no combate à pandemia, e de forma mais abrangente.

Hoje o mundo tem diferentes blocos. Além de Estados Unidos e China, a Rússia disputa hegemonia com seu potencial bélico e nuclear. Na União Europeia há países dominados pela extrema direita, mas há vários outros se voltando à ideologia política de centro-esquerda, mas mesmo com as divergências tenta convergir para constituir um bloco coeso, uma força política mundial.

Segundo o ranking da Austin Rating de maiores economias do mundo, atualmente o Brasil é o 13º colocado.

Futuro do Brasil

Celso Amorim afirma que é necessário pensar um mundo diferente, abraçando ideias como a economia verde e o olhar ao meio ambiente.

A realidade do país, hoje, assim como em outros países da América Latina é de uma reação forte de forças conservadoras contra o progresso, a justiça social, aos direitos dos trabalhadores.

A busca por autonomia, segundo ele, foi cessada após o golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e com a prisão de Lula, que o impediu de ser candidato à presidência em 2018.

No entanto, desde o fim da década passada há um avanço grande das forças progressistas da América Latina e isso cria um contexto internacional diferente e positivo para o futuro governo - progressista - no Brasil.

Edição: Marize Muniz

Colaboração: Érica Aragão

Matéria completa em
cut.org.br/noticias